

A FILOSOFIA DO FUTURO COMO FILOSOFIA DA SENSIBILIDADE EM LUDWIG FEUERBACH

THE PHILOSOPHY OF THE FUTURE AS PHILOSOPHY OF SENSIBILITY IN LUDWIG FEUERBACH

KARLA SAMARA DOS SANTOS SOUSA (*)



(*) Graduada em Filosofia (FAFIC-PB), Especialista em Filosofia Contemporânea (FAFIC-PB), mestre em Ciências das Religiões (PPGCR-UEPB) e doutoranda em Ciências das Religiões (PPGCR-UEPB). É membro do Grupo de Pesquisa Hagia Sophia- Filosofia das Religiões (UEPB/CNPq). Atua na área da Filosofia da Religião, especialmente Budismo e Filosofia Clássica, com pesquisas sobre a relação do Budismo com a Filosofia Ocidental e a Filosofia da Religião de Ludwig Feuerbach e Arthur Schopenhauer.

e-mail: karlasamarasousa@gmail.com

Resumo

O objetivo principal deste ensaio é analisar o conceito de sensibilidade (*Sinnlichkeit*) e de natureza (*Natur*) na *Filosofia do Futuro* proposta pelo pensador alemão Ludwig Feuerbach. A Filosofia do Futuro nada mais é que uma proposta de reforma da tradicional teologia especulativa em favor do homem e da natureza, elementos até então por ela desprezados. Enquanto o idealismo e o cristianismo afirmam que Deus ou o absoluto e seus predicados fundamentam a religião e toda realidade, Feuerbach paradoxalmente sustenta que a verdadeira essência da religião é antropológica, ou senão a própria natureza humana, concreta, histórica, finita e sensível. Com essa crítica, Feuerbach figura como um dos mais inauditos filósofos da religião do pensamento ocidental.

Palavras-chave: Sensibilidade. Natureza. Religião.

Abstract

The main purpose of this essay is to analyze the concept of sensitivity (*Sinnlichkeit*) and Nature (*Natur*) in the Philosophy of the Future proposed by the German thinker Ludwig Feuerbach. The Philosophy of the Future presents a proposal to reform the traditional speculative theology in favor of man and nature, elements hitherto despised by it. While Idealism and Christianity affirms that God (or the absolute) and its predicates establish religion and all reality, Feuerbach paradoxically maintains that the true essence of religion is anthropological, or else the human nature, concrete, historical, finite and sensitive. With this criticism, Feuerbach stands as one of the most unheard of philosophers of religion of Western thought .

Keywords: Sensitivity. Nature. Religion.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Boa parte da filosofia mais audaz da Europa dos séculos XVIII e XIX não mede esforços em tecer profundas críticas ao discurso religioso-cristão, principalmente em favor do reconhecimento e valorização da pessoa humana. Isso é o que vemos nos pensamentos de Marx, Nietzsche e Freud, os chamados “mestres da suspeita”, usando a terminologia de Paul Ricoeur. Para pôr-se de acordo com essa concepção e, por ventura, fazê-la coerente, esses filósofos e muitos outros passaram a conceber como a verdadeira expressão da mentalidade moderna, a negação de tal discurso. Esse foi o berço no qual eclodiu o ateísmo humanista. O ateísmo humanista é um movimento filosófico *sui generis* da modernidade pois, trouxe em suas bases justamente aquele elemento central que conclamava o período da Ilustração (limiar dos tempos modernos): o desejo de autonomia do homem a ser conquistado por meio da razão diante o majestoso império da teologia. A razão, enquanto força emancipatória, seria então capaz de substituir os dogmas, as crenças e toda justificação transcendente da realidade, por uma vida mais concreta, com suas lutas e vicissitudes.

Destarte, a concepção de um ateísmo humanista embora presente nos escritos dos clássicos filósofos, a exemplo de Nietzsche, Freud e Marx, foi provavelmente formulada de modo mais implacável pelo alemão Ludwig Feuerbach (sec. XVIII). Enquanto Nietzsche afirmava que o discurso cristão seria uma ‘vontade de potência’ voltada ao nada, Marx acusava-o de alienação social e Freud o classificava como neurose obsessiva, Feuerbach falava da superação real do cristianismo e da realização humana. No caso de Feuerbach, a perspectiva do humanismo parece possuir um alcance superior – superior porque mais duro - e mais acurado. Com efeito, diferentemente dos autores anteriores, a crítica à religião desenvolvida por Feuerbach apresenta elementos que tornam sua filosofia um projeto amplamente antropológico. Como veremos, a crítica à religião feuerbachiana salvaguarda o caráter essencialmente humano da religião, entretanto, isso não implica afirmar que sua filosofia se limite a esse aspecto. O homem é o ponto de partida e fio condutor de todo o edifício filosófico de Feuerbach, e por meio dele o autor lança-se a alturas inauditas. Aqui analisaremos os seguintes pontos: a) a crítica do autor ao tradicional pensar especulativo, principalmente a filosofia hegeliana, b) como se apresenta o conceito de sensibilidade e natureza em seu projeto antropológico e, c) de que modo o autor propõe uma reforma da ‘velha’ forma

de pensar e constrói uma nova filosofia, a filosofia do futuro.

Muitos dos argumentos enunciados nos escritos do filósofo, embora considerados em certo âmbito, escombros do esfacelamento do pensar sistemático-especulativo e do discurso teológico, fica nítido que possuem uma articulação coerente que exige nossa atenção, pois apresentam conceitos que a tradicional teodiceia desprezou: o homem (*Mensch*), a natureza (*Natur*), a sensibilidade (*Sinnlichkeit*). Os conceitos mencionados são abrangentes e revelam como o filósofo sempre esteve à frente de seu tempo. Não por acaso, Feuerbach a propósito do pouco interesse que sua produção filosófica suscitava, já confirmava: *Meine Zeitkommtnoch*“ O meu tempo ainda está por vir”¹.

Por condenar totalmente a forma de compreensão da realidade da teologia especulativa, Feuerbach propôs uma reforma da filosofia, de onde surgiria a filosofia do futuro. A *Filosofia do Futuro* de Feuerbach implica a redução da teologia a antropologia e esboça o contraste com a tradicional forma de pensar idealista, que supervalorizava a razão, o espírito, em detrimento do homem, da natureza e da sensibilidade. Esta última, mesmo sendo uma ideia complexa, circunda toda a filosofia feuerbachiana. A relação entre a *Filosofia do Futuro* como *Filosofia da Natureza* e a teoria da sensibilidade, é bastante significativa: a nova filosofia não só apresenta uma crítica radical ao pensar sistemático, mas desvenda os mistérios da religião, trocando as fantasiosas abstrações da metafísica pela natureza, sensível, real e objetivada. Ademais, para o homem, sobretudo, representa a descida dos céus transcendente em direção ao mundo material e a substituição da ‘vida eterna’ pela vida concreta, com necessidades e potencialidades. A filosofia de Feuerbach é feita para o homem e pelo homem, um ser ativo que livre da razão especulativa, apoia-se na razão “cuja essência é a essência humana, não numa razão desprovida de essência, de cor e de nome, mas na razão impregnada com o sangue do homem” (FEUERBACH, 2005, p. 150).

Ainda que seja árdua a tarefa de delimitar o lugar exato que a *Filosofia do Futuro* ocupa na filosofia feuerbachiana, é certo que o autor cultivou um especial

¹ Conforme Serrão “Ludwig Feuerbach, um dos mais significativos filósofos do século passado (séc. XIX), um autor de profunda originalidade e de indiscutível atualidade nas intuições centrais que nos deixou e, no entanto, demasiado marginalizado ou tratado com incompreensível ligeireza por parte da literatura que lhe tem sido dedicada (SERRÃO, 1999, p. 11)”.

interesse pela construção de um novo modo de ver a realidade, tanto através do conceito de natureza (*Natur*) quanto do conceito de sensibilidade (*Sinnlichkeit*). É clara a constatação que o idealismo e o cristianismo renegaram o caráter sensível da existência, colocando-o numa esfera secundária; em contrapartida Feuerbach defende que a nova filosofia deve preconizar a seguinte máxima: “sou um ser real, um ser sensível; sim, o corpo na sua totalidade é o meu eu, a minha própria essência” (FEUERBACH, 2007, p. 20). Seria esse o grande ‘salto’ da filosofia feuerbachiana. A crítica de Feuerbach pretende mostrar que o verdadeiro começo não é o supra-humano ou extrassensível como denota o cristianismo, mas a realidade efetiva, com os objetos sensíveis, naturais.

No que diz respeito à concepção de homem especificamente, cabe notar que Feuerbach formula uma teoria de “homem integral” em consonância direta com o conceito de sensibilidade. O homem é aquilo que é a partir da sensibilidade². Se referindo ao objeto religioso ou sensível Feuerbach assinala: “através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro objetivo” (FEUERBACH, 2007, p. 14). A sensibilidade ou *Sinnlichkeit* no alemão, tradução que mais se aproxima do termo, deve aqui ser entendida para além da sensorialidade, senão a própria totalidade do ser.

1. A FILOSOFIA DO FUTURO COMO FILOSOFIA DA NATUREZA EM FEUERBACH

Se tomarmos o pensamento de Ludwig Feuerbach como uma filosofia puramente materialista na qual predomina a oposição entre o *transcendente* – *abstrato* e o *homem-empírico*, talvez caiamos em controvérsia sobre o que o filósofo quer nos dizer. Isso porque, para o filósofo alemão, a oposição entre o transcendente e o empírico é produto da elevação dos atributos humanos à condição divina, enquanto atributos universais e extramundanos, daí sugere-se que a tese central de sua doutrina subsuma na afirmação que ‘a teologia é a antropologia’, corrente em seus escritos³. Embora a maioria dos estudiosos da filosofia feuerbachiana pareça concordar com essa tese e, a

² Como veremos logo adiante, há uma série de tensões conceituais em torno dessa teoria. A ideia da sensibilidade é fundamental na concepção de *homem (Mensch)* na filosofia feuerbachiana, entretanto, não é somente ela que a constitui.

³ Essa proposição aparece nas principais obras de Feuerbach, que aqui consideramos: *Grundsätze der Philosophie der Zukunft* (1843) - Princípios da Filosofia do Futuro, *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie* (1843), Teses Provisórias para a reforma da filosofia, *Das Wesen des Christentums* (1841), A essência do Cristianismo e *Vorlesungen über das Wesen der Religion* (1851) – Preleções sobre a essência da Religião.

partir dela, alguns concebiam Feuerbach como o ‘genitor’ do ateísmo antropológico e crítico mordaz da teologia especulativa, é preciso considerar que seu pensamento vai além desse postulado como já mencionamos⁴.

Crítico da tradição idealista inaugurada por Kant, que tem Hegel como seu maior representante, a filosofia de Feuerbach promove uma verdadeira reviravolta na história do pensamento filosófico. O autor alemão põe em relevo o papel do homem, da natureza (*Natur*) e da sensibilidade (*Sinnlichkeit*) frente ao pensar especulativo teológico predominante na época. Enquanto a ‘velha’⁵ filosofia alicerçava-se em conceitos e abstrações, juntamente com a teologia – fundada desde o neoplatonismo e respaldada na representação de um ser ideal, supremo – Deus, a nova filosofia proposta por Feuerbach, em contrapartida, busca a própria natureza humana. Aqui precisamos concordar com Arroyo que essa nova filosofia, enquanto *filosofia para o futuro* conduziria, em última instância, a uma *antropologia integral*, de modo a se pensar a identidade humana, e não a sua destruição (ARROYO, 2009). Essa ‘cosmovisão’ tornou-se quase que profética, uma vez que a descrença e a necessidade da *práxis* passaram a permear toda a modernidade. Daí a crítica à religião e a questão do ateísmo no pensamento de Feuerbach ser tão emblemática. Nesse contexto, as obras *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia e Princípios de uma Filosofia do Futuro* de Feuerbach emergiram frontalmente contra as filosofias idealistas ou teologias especulativas, especialmente a hegeliana. Com o intuito de melhor apresentar essa problemática, consideremos três importantes implicações que esclarecem como essa nova filosofia, a *filosofia do futuro* vai em direção à *filosofia da natureza* e fundamenta a *filosofia da sensibilidade* na crítica à essência da religião em Feuerbach.

⁴ Segundo Serrão no prefácio do Livro *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach* a figura de Ludwig Feuerbach por muito tempo foi ofuscada na história da filosofia, visto seu estigma de pensador negativo, confinado ao papel de fundador do ateísmo e demolidor da filosofia especulativa. Todavia, diversos fatores contribuíram para que este estigma fosse dissipado. Dentre esses fatores podemos destacar o crescente interesse pelo estudo da filosofia feuerbachiana, tanto no contexto alemão, quanto em outras línguas, com traduções, produções de teses, dissertações e afins. Além desse marco decisivo, chama atenção em Feuerbach a ruptura que seu pensamento promove: em primeiro plano, a proposta de reforma da filosofia como filosofia para o *futuro* - algo claro que não oferece dificuldades de entendimento para a comunidade filosófica e, em segundo lugar, sua doutrina da religião, que, essencialmente tende a reconduzir a dimensão objetiva da religião aos mecanismos subjetivos que lhe dão origem. Sobre este último aspecto, porém, renovam-se as controvérsias (SERRÃO, 2009).

⁵ Entenda-se a velha filosofia a antiga filosofia racionalista ocidental, sobretudo aquela radicada nos pressupostos do pensamento europeu, que se inicia em Descartes e culmina no idealismo especulativo de Hegel (FEUERBACH, 2002).

1.1 A CRÍTICA À RELIGIÃO COMO CRÍTICA AO IDEALISMO EM FEUERBACH

De fato, Feuerbach entende o universo como autossuficiente, tanto pela atividade do homem quanto pela natureza de modo geral, e por isso dispensa qualquer causa primeira de ordem divina que possa explicar seu funcionamento e dar-lhe origem. Não há um ser supremo, um artífice detentor de todo poder, de suma bondade e infinita inteligência, o que há é o *homem*. A filosofia feuerbachiana defende uma noção de natureza humana, sensível e determinada, mas que desenvolve estados de consciência frustrantes e quiméricos, pois anseia pela existência de uma dimensão supramundana. Para ele, foi a tradição cristã ocidental que inculcou essa consciência ilusória no homem e, como resultado, acabou por considerar tudo que é humano como degenerativo ao espírito (FEUERBACH, 2007). Ademais, Feuerbach nos mostra que a essência dos atributos humanos - tomados em sua máxima perfeição – é atribuída a Deus, quando em verdade, pertence ao próprio homem. Como essa ilusão se produz? Eis a questão que Feuerbach responde, a partir da crítica feita à filosofia idealista. Através da crítica ao idealismo, algo inerente ao espírito (*Geist*) alemão da época pós Hegel, o autor já semeia as formulações subsequentes de sua filosofia em direção não apenas à crítica da religião, mas a proposta de *Reforma da Filosofia* como uma *Filosofia do Futuro*, que para nós, conduz e fundamenta a *Filosofia da Sensibilidade*.

Se a religião, especialmente o cristianismo procurou esvaziar os sentidos e determinações do ser humano, transpondo-os para um plano secundário a fim de dar significação ao Ser Supremo, sendo aquele um mero reflexo ‘Deste’, do mesmo modo, a filosofia especulativa nos encaminhou para uma harmonia puramente abstrata entre o indivíduo e a subjetividade em sua relação com o todo, com o espírito. Essa semelhança uniu a teologia à filosofia, de onde fez surgir a teologia especulativa⁶, cerne do sistema hegeliano. Nas palavras do filósofo: “a *essência* da filosofia especulativa não é senão a *essência de Deus racionalizada, realizada, presentificada*. A filosofia especulativa é a *teologia verdadeira, conseqüente, racional*” (FEUERBACH, 2005, p. 102). É por isso que Feuerbach examina a relação entre a empiria e o transcendental, destacando que no

⁶“Tal como na teologia o *homem é a verdade, a realidade* de Deus – pois todos os predicados que realizam Deus como Deus, que fazem de Deus um *ser real*, como sejam poder, sabedoria, bondade, amor, e até infinitude e personalidade, que aqueles que têm como condição a *diferença* em relação ao finito são primeiramente postos *no homem e com o homem* -. assim também na filosofia especulativa o *finito é a verdade do infinito*” (FEUERBACH, 2005, p. 89).

sistema de Hegel não há lugar para qualquer realidade empírica, mas apenas para a idealidade.

Enquanto o idealismo hegeliano, seguindo os passos da teologia, de um lado ‘vangloriava’ o espírito, por outro, desprezava a matéria, estabelecendo a distinção radical entre o mundo suprassensível e o mundo da sensibilidade. É justamente sobre essa distinção que se recai a crítica feuerbachiana. O autor alemão considera que a teologia especulativa deformou o que há de mais nobre nos homens – razão, vontade e amor – pois atribuiu tais caracteres a Deus. São esses caracteres que compõem a essência humana e constituem o fundamento⁷ (*Grund*) da realidade. A resposta de Feuerbach a essa distinção expressa antes uma tese sobre a necessidade de construção de uma nova filosofia, uma filosofia que abandone o pensamento estéril da teologia especulativa e firme-se no mundo dos homens. Assim, Feuerbach imprime a filosofia do futuro e contra Hegel e o cristianismo afirma:

A filosofia Hegeliana foi à síntese arbitrária de diversos sistemas de insuficiências – sem força positiva, porque sem negatividade absoluta. Só quem tem coragem de ser absolutamente negativo que tem a força de criar a novidade [...]. O cristianismo já não corresponde nem ao homem teórico, nem ao homem, prático; já não satisfaz o espírito, nem sequer também satisfaz o coração, porque temos outros interesses para nosso coração diverso da beatitude celeste e eterna (FEUERBACH, 2002, p. 14).

A *filosofia do futuro* diferente da teologia especulativa defende, pois, o existir concreto, real, dotado de sentidos, e sustenta que a “essência da teologia é a essência do homem, transcendente, projetada para fora do homem” (FEUERBACH, 2002, p. 21). Aqui se encontra, portanto, o germe de um dos principais argumentos feuerbachianos que justificam a nossa aproximação entre a Filosofia do Futuro e a Filosofia da Sensibilidade (*Sinnlichkeit*), ou seja, que no seio da nova filosofia está o existir sensível, histórico, concreto feuerbachiano e não uma formulação abstrata. Feuerbach atribui ao idealismo à falta de conteúdo; é esse conteúdo que nos traz o conhecimento do mundo real e nos permite pensar a existência em sua essência. Se assim não o for, os atos da consciência, enquanto atos da especulação permanecerão incompreensíveis.

A crítica à filosofia hegeliana consiste em não reconhecer tal forma de

⁷ A esse respeito o argumento de Sousa corrobora: “Feuerbach desenvolve um ponto de vista filosófico humanista – comunitário, contra a religião “subjetivista”, enquanto trata de resgatar o que para ele é seu núcleo verdadeiro, humano, deformado pela fantasia, pela teologia, pela especulação” (SOUSA, 2009, p. 241).

existência. Em Hegel, o filosofar não possui um princípio, mas um conceito abstrato, o saber absoluto⁸, portanto, indeterminado, vazio de conteúdo. Não sendo concebido como um pressuposto concreto e prescindido de todos os caracteres do existir sensível, Feuerbach aconselha o abandono da filosofia hegeliana. Para Feuerbach, “a doutrina hegeliana de que a natureza é a realidade posta pela ideia é apenas a expressão racional da doutrina teológica, segundo a qual a natureza é criada por Deus, o ser material por um ser imaterial, isto é, um ser abstrato [...]”. (FEUERBACH, 2005, p. 96). Feuerbach sustenta, pois, que Deus, enquanto idealidade suprema é a negação do humano e não a plenitude do ser, como afirma o hegelianismo. Porém, quando Deus entra na história e ‘humaniza-se’ eis a contradição. Como Deus ilimitado submete-se as leis do tempo e do espaço, que são limitadas, como Deus puro, entra no mundo impuro? Se aceitarmos que essas contradições são o resultado último das abstrações operadas pelo espírito, o objeto da religião dá lugar, na visão feuerbachiana, a uma série de incongruências⁹. Mas como Deus é um objeto *unicamente* humano, ‘sua’ essência e tudo que dele resulta é a própria essência do homem. Todavia, se concebermos que Deus é um objeto apenas do homem, teremos de apontar o que fundamenta tal proposição. Feuerbach assevera que o fundamento está “na natureza de Deus, mas igualmente na natureza do homem – portanto, na identidade da natureza divina e da natureza humana” (FEUERBACH, 2005, p. 106). Não obstante, esse fundamento não pretende exaltar a ideia de um homem absoluto, nem fundar um humanismo radical, senão mostrar que as bases da teologia especulativa se encontram precisamente no homem. Do mesmo modo, cabe aqui sublinhar que a filosofia de Feuerbach não atribui aspectos divinos ao homem, pois se isso ocorresse, seria algo assim como a mera substituição de um objeto por outro, e isso ratificaria os preceitos da teologia especulativa. Serrão corrobora essa percepção na apresentação da obra *Filosofia da Sensibilidade* afirma:

⁸Conforme Feuerbach, “o absoluto pensado unicamente como ser, não é outra coisa do que ser, ao ser pensado sob esta ou aquela determinidade ou categoria, o absoluto é *totalmente* absorvido por esta categoria, por esta determinidade, de maneira que, *separado* delas, é um mero nome” (FEUERBACH, 2005, p. 86). Ou como ele afirma mais enfaticamente: “Psicologicamente, o absoluto ou infinito da filosofia especulativa é apenas o não-determinado, o indeterminado – a abstracção de tudo o que é determinado posta como uma essência distinta desta abstracção, mas ao mesmo tempo como uma essência, que por sua vez se identifica com aquela; mas historicamente considerado, não é senão o velho ser, ou não-ser, teológico – metafísico, que não é finito, *não* humano, *não* material, *não* determinado, que *não* foi formado – o nado anterior ao mundo *como acto*” (FEUERBACH, 2005, p. 85-86).

⁹ Na obra *Para a crítica a filosofia de Hegel*, Feuerbach afirma que a encarnação do gênero em toda a sua plenitude numa única *individualidade* seria um milagre absoluto, uma supressão violenta de todas as leis e princípios da realidade – seria de fato o declínio do mundo (FEUERBACH, 2002, p. 27).

O humanismo feuerbachiano não constituiria uma verdadeira aniquilação da ilusão teológica, uma vez que teria limitado a substituir a figura de Deus pela figura da Humanidade, ou gênero humano, uma nova transcendência que erguendo-se sobre os indivíduos como uma verdadeira essência metafísica se lhes impunha como instância dominadora (SERRÃO, 2005, p. 27).

Essa proposta de reforma da filosofia como *filosofia do futuro* divisa a velha e nova forma de pensar, que se expressa resumidamente na descoberta do homem como ser concreto, natural, empírico; o que em si, é algo radicalmente transformador. Essa é a intuição que leva Feuerbach a compreender a realidade longe das formas tradicionais, seja a filosofia ou a teologia. O homem que não abandona a razão é tomado na filosofia feuerbachiana como um ser de carne e osso fincado no mundo terreno, no qual se constrói e se liberta. Essas conclusões, entrecruzando-se a concepção de essência falsa da religião que o autor aponta e o conceito central de natureza (*Natur*) corrente em seus escritos nos remetem a próxima etapa de nossa leitura.

1. 2 A ESSÊNCIA VERDADEIRA DA RELIGIÃO, O HOMEM (*MENSCH*) E A NATUREZA (*NATUR*)

Nosso objetivo aqui é mapear a linha de pensamento que conduz a uma das principais intuições filosóficas de Feuerbach, aquela que leva em conta esse caráter concreto (sensível) da realidade e que é também o terreno onde, a nosso ver, aparece um dos conceitos centrais da filosofia feuerbachiana sobre o qual se revela a verdadeira essência da religião, o conceito de natureza (*Natur*). Como o autor mesmo sugere, a tarefa capital de sua doutrina é “provar que, sob os mistérios sobrenaturais da religião, estão verdades inteiramente simples, naturais” (FEUERBACH, 2007, p 13).

A pergunta que nos colocamos de início era se haveria uma concepção de natureza, explícita e homogênea na doutrina de Feuerbach, que pudéssemos considerar propriamente como uma *filosofia da natureza*. Todavia, não é o caso. Feuerbach não formula sistematicamente uma concepção de natureza¹⁰, mas deixa evidente em seus escritos que vislumbra uma ideia de natureza, clara e precisa, peça-chave em sua crítica ao teísmo: quanto mais atividade tiver a natureza, tanto menos haverá Deus, a religião.

¹⁰ Chagas afirma que embora Feuerbach “[...] não tenha empreendido, infelizmente, uma formulação completa de sua concepção de natureza como um todo, isto é, não tenha deixado nenhuma filosofia da natureza explícita e acabada e também não tenha redigido nenhum escrito pormenorizado e sistematizado acerca da natureza, há, todavia, em sua obra, em diferentes passagens, uma abundância de aforismos epigramas, *definitonen* e reflexões filosóficas sobre a natureza” (CHAGAS, 2009, p. 37).

Deste modo, não há, pois, em Feuerbach consonância entre a natureza e o objeto da religião; a natureza (*Natur*) se sobrepõe ao objeto da religião, é ela o primeiro estágio da existência, o objeto da religião em relação à natureza figura como algo acidental, contingente. Se há o universo, o universo enquanto natureza material, é porque sua origem deve, possuir em si mesmo seu fundamento, e não como pensa a consciência religiosa, a qual considera que “as coisas já tinham essência antes de existirem, não enquanto objetos dos sentidos, mas do espírito” (FEUERBACH, 2007, p. 107). Ou conforme profere a religião: a “razão divina, enquanto cerne de todas as coisas, enquanto matéria espiritual, o fundamental material real” (FEUERBACH, 2007, p. 106). Percebe-se agora, portanto, que a concepção de natureza, entendida como estrutura originária de todos os objetos, inclusive do homem, é como pilar sobre o qual se apoia a filosofia feuerbachiana em sua crítica ao teísmo (cristianismo) e, retrospectivamente, ao idealismo.

Embora as referências ao conceito de natureza (*Natur*) e crítica ao teísmo apareçam em toda obra de Feuerbach, é na *Essência ao Cristianismo* que encontramos uma de suas passagens¹¹ mais esclarecedoras: “[...] a natureza, a matéria não pode ser explicada pela inteligência ou derivada dela; ela é antes a base da inteligência, a base da personalidade sem ter ela mesma uma base [...]” (FEUERBACH, 2007, p.109). Ademais, “espírito sem natureza é uma mera entidade de pensamento; a consciência só se desenvolve a partir da natureza” (FEUERBACH, 2007, p. 109). Percebemos nestas afirmações que Feuerbach preza pelo caráter *objetivo* e *autônomo* da natureza, caráter esse que foi negligenciado pelo idealismo e cristianismo. Feuerbach focalizará sua atenção nesta concepção de natureza, uma natureza que se desenvolve, que é independente e impessoal, que possui necessidade e regularidade.

A noção ‘negativa’ – difundida pelo idealismo e teísmo – de que a matéria/natureza afirma-se simplesmente na limitação e finitude, é superada em Feuerbach. O autor alemão entende que a natureza, não só limita, mas também abre um arsenal de possibilidades, sob as quais o homem tem condições de satisfazer suas múltiplas necessidades. Essa é uma percepção fundamental de Feuerbach. Segundo Chagas, contra qualquer conotação atomística mecanicista que possa ser atribuída a essa

¹¹ Em “A Essência do Cristianismo”, não encontramos uma teoria da natureza, senão apenas indiretamente em sua tese contra o cristianismo.

intuição, é preciso ressaltar que a noção de natureza em Feuerbach não segue nenhuma lei mecânica ou de âmbito lógico-matemática, mas se relaciona diretamente com o conceito de sensibilidade (*Sinnlichkeit*) (CHAGAS, 2009). A natureza é, em primeiro plano, um objeto dado aos sentidos, logo não é produto da vontade de um Deus fictício, sobrenatural. Por isso, temos razões suficientes para acreditar que essa é a direção que Feuerbach quer dar à *filosofia da natureza*.

Se a natureza representa um ‘salto’ em relação à religião e ao idealismo é porque ela tem algo a acrescentar. A natureza não é uma simples criação do espírito, pelo contrário, ela antecede o espírito; o espírito, por sua vez, enquanto produto da natureza é, em verdade, apenas o espírito do homem pensado universalmente (FEUERBACH, 2009). Quem é o homem para Feuerbach? O homem¹² é o ser por excelência que, sem o claro entendimento, projeta sua essência em um outro ser, isto é, para *fora de si*, em um ente supremo antes de encontrá-la *dentro de si mesmo*. Assim como Deus possui os predicados do entendimento, do amor e da vontade, nós também experimentamos as paixões, o querer e a razão. Por isso Feuerbach sustenta que os homens creem no amor como qualidade divina, porque eles mesmos amam, creem que Deus é um ser sábio e bom porque não conhecem nada melhor neles do que a bondade e razão, e creem que Deus existe, porque eles mesmos existem. O que há de diferente entre Deus e o homem nada mais é, segundo Feuerbach, que a essência humana abstraída das limitações do homem individual, corporal, objetivada e contemplada como uma outra essência própria diversa da dele (FEUERBACH, 2007). O homem é o ser privilegiado em relação a Deus – por conseguinte, no pensamento de Feuerbach¹³ - no fundo ambos conservam a mesma identidade, porém não foi Deus que o criou, mas a própria natureza (*Natur*). A natureza produziu o homem a partir de si mesma; é ela a raiz e sua fonte de manutenção, daí sua majestade¹⁴ (*Majestät*).

¹²Aqui tratamos do “homem religioso”, todavia é na concepção de “homem integral” interligada ao conceito de “sensibilidade” (*Sinnlichkeit*) que o autor explora de fato essa questão como veremos mais adiante.

¹³Feuerbach elege a ideia de homem como sua referência última, sobretudo porque o humano concreto é apenas a totalidade da vida e da essência humana, e não de uma realidade transcendente. Em torno desta homologia se concentra todo um exame crítico de uma tradição cultural e filosófica, lida por Feuerbach como a história de um esquecimento e de uma marginalização do homem real. Nestes termos, a antropologia proposta por Feuerbach, e aí reside seu mérito para a contemporaneidade, é a constante superação das inúmeras formas de desumanização de que se revestiu a humanidade: seja a teologia que degrada o homem à condição de súdito de um senhor divino, a metafísica que o reduz a um ser abstrato, ou a ciência que o instrumentaliza como objeto, sejam ainda outras formas de alienação ideológica e de repressão política (HAHN, 2003, p. 144).

¹⁴A concepção de natureza, para Feuerbach, embora central, não deve ser compreendida como algo uniforme e

A natureza, para Feuerbach, deve ser compreendida como um pressuposto fundamental, portanto, não pode haver cisão entre ela e o que a teologia cristã denomina Deus, como se Deus fosse uma essência absoluta separada do restante do universo. Trata-se, como vimos, de uma ‘artimanha’ da natureza humana que tende inconscientemente, de um lado, a concentrar apenas em si mesma, transformando sua essência numa essência absoluta e sobrenatural, e de outro, a afastar-se da natureza. Em termos de cristianismo, seria essa atitude mais que imprescindível; os indivíduos se distinguem da natureza e do mundo pela aspiração de infinitude, já que o mundo, pela fé, é finito; daí explica-se a nulidade e transitoriedade de sua existência. Por conseguinte, o que aqui está em jogo não é a atitude religiosa, mas sim, a essência verdadeira da natureza. Assim como a teologia cristã condena a natureza, do mesmo modo ela ignora a corporalidade¹⁵ e sensibilidade. Prova disso é a ‘doutrina da criação’ e a ‘doutrina do pecado original’. A doutrina da criação, por exemplo, não trata da verdade e realidade da natureza ou do mundo, mas da verdade e realidade da personalidade divina em oposição ao mundo; ou como afirma Feuerbach: a doutrina da criação “trata-se da personalidade de Deus; mas a personalidade de Deus é a personalidade do homem libertada de todas as determinações e limitações da natureza” (FEUERBACH, 2007, p. 124). Através deste exemplo podemos evidenciar as razões pelas quais o cristianismo despreza a natureza, o mundo, com o objetivo único de enaltecer a existência um Deus pessoal que tudo cria e conhece.

Como é possível a consciência religiosa assim se persuadir? Para responder essa questão, é preciso examinar as ideias de Feuerbach sobre a essência do cristianismo, na qual desemboca toda sua crítica à religião. Essa leitura em cotejo com sua obra principal *A Essência do Cristianismo*, poderá confirmar ou afastar a hipótese de que a filosofia proposta por Feuerbach, a *Filosofia do Futuro*, vai além da crítica contra o teísmo cristão. Nesta obra clássica, Feuerbach afirma que a teologia cristã apresenta um Deus

acabado, conforme já anunciamos; mesmo assim, é preciso esclarecer como ela se desenvolve. Segundo Chagas, ela se desdobra em três diferentes fases: “1. Como aproximação crítica ao panteísmo (identidade da natureza com Deus), 2. Como recusa direta à teologia cristã e à filosofia hegeliana (a natureza como criação de Deus ou como *deduktion* do espírito) e 3. Como crítica parcial à religião da natureza (antropomorfização ou personificação da natureza)” (CHAGAS, 2009, p. 45). Trata-se, se quisermos observar, de um ‘amadurecimento’ de percepção por parte do autor, que faz com que a ideia de *natureza* (*Natur*) dentro de sua doutrina apresente um “salto” em direção à realidade, realidade que se separa radicalmente do sobrenatural, do absoluto, mas que se realiza no homem e encontra na sensibilidade sua plenitude. Aqui enfocaremos especialmente esse segundo momento, visto que mais se aproxima com nosso objeto de análise.

¹⁵De acordo com a teologia cristã, a natureza corporal alimenta as tentações do mundo terreno, impedindo, por consequência, o homem de alcançar a vida eterna.

totalmente diverso da natureza; Deus é um ser abstrato, imaterial, ilimitado, livre e plenipotente. Esse Deus se opõe a matéria, a sensibilidade, ao homem enquanto corpo, enquanto pessoa. “Deus é um ser autônomo, que não precisa de nenhum outro ser para a sua existência e, por conseguinte, existe a partir de si e por si mesmo” (FEUERBACH, 2002, p. 41). Mas como a essência de Deus nada mais é que a essência humana, Deus só existe para o homem e em função¹⁶ do homem. É evidente que Feuerbach tem a preocupação de colocar o homem no centro de sua própria história, pois considera a religião um obstáculo à liberdade e discernimento, sobretudo em relação à natureza. Vaz também percebe essa ‘guinada’ no pensamento de Feuerbach ao propor a seguinte questão: “ou o Absoluto existe como ser-em-si e como Criador e, então o homem é *nada*; ou o homem é o artífice de si mesmo e do seu mundo e, então o Absoluto transcendente é uma quimera a ser exorcizada” (VAZ, 1992, p. 121).

Não podemos dar uma resposta definitiva a essa questão, mesmo porque ela se debruça sobre algumas implicações fundamentais do pensamento feuerbachiano, que aqui apenas sinalizaremos. Em primeiro lugar, a essência humana não é atemporal e extramundana, ela se fundamenta na natureza, logo na sensibilidade, no tempo, no espaço, na necessidade, diferente da concepção religiosa, que anseia a vida eterna, livre da matéria, assexuada e a imortalidade pessoal. Uma segunda implicação, que complementa a primeira, é que, em síntese, a filosofia de Feuerbach mostra-se exatamente oposta ao cristianismo. Enquanto o a consciência cristã se respalda em Deus como essência abstrata, metafísica e sobrenatural, a filosofia feuerbachiana sustenta que Deus é aqui somente um ser hipotético, absolutamente desnecessário, surgido apenas de uma razão restrita, isto é, do próprio homem (FEUERBACH, 2007). Um terceiro elemento, que também se depreende da primeira consideração é o esvaziamento do mundo real no cristianismo, visto a recusa à natureza, e o enriquecimento da divindade. A consciência cristã está aí, em virtude do exercício da fé, afirmando que o mundo, a natureza tem um começo temporal, de tal modo, que antes não havia mundo algum; foi quando Deus decidiu então ‘criá-la’. Esse ato não só submete a natureza a Deus, mas esconde a verdade de sua grandeza (*Grösse*) e superioridade (*Überlegenheit*). É a natureza (*Natur*) por meio da sensibilidade (*Sinnlichkeit*) que determina o mundo, pois é

¹⁶Certamente o homem tem Deus por meta, mas Deus só tem por meta a salvação moral e eterna do homem, logo, o homem só tem por meta a si mesmo. A atividade divina não se distingue da humana (FEUERBACH, 2007, p. 59).

ela que fornece os critérios para ele ser aquilo que ele é, e nisso consiste o segredo da religião. Com efeito, a articulação dos conceitos de natureza (*Natur*), homem (*Mensch*) e sensibilidade (*Sinnlichkeit*) na reflexão crítica sobre a religião em Feuerbach introduz uma possibilidade de leitura diferenciada, o que motiva nossa investigação.

1.3 O CONCEITO DE SENSIBILIDADE E A FILOSOFIA DO FUTURO

O tema da sensibilidade enunciado por Feuerbach em suas obras recebe aqui um tratamento especial que dá sentido à crítica a religião e majestade da natureza (incluindo a natureza humana). O homem enquanto ser sensível experiencia a realidade e protagoniza a história; por seu turno, essas características não se sobrepõem aos argumentos supra-humanos e antinaturais do teísmo cristão que, para Feuerbach, explica toda alienação religiosa¹⁷. Essa tese fundamenta a visão de mundo feuerbachiana que, segundo uma¹⁸ de suas perspectivas, defende a ideia de um mundo real, pleno, no qual encontra sua “[...] expressão filosófica mais genuína no modo sensível ou sensibilidade (*Sinnlichkeit*) ou, por outras palavras, que o espírito de realismo da nova filosofia se deixa traduzir pelo *Sensualismo*: o ser real é o ser sensível” (SERRÃO, 2005, p. 15). Sem embargo, é nesse viés que Feuerbach lança mão de um projeto filosófico de significação fundamentalmente antropológica, pois, em sua visão de mundo, é dada ao homem, enquanto ser integral, uma existência concreta, objetiva, natural. Assim o autor introduz a ideia da sensibilidade, sem a intervenção de qualquer causa absoluta.

Devemos também considerar que a *Sinnlichkeit*, categoria central da filosofia feuerbachiana, entre outras implicações, conforme Serrão reforça a “tese de que a *sensibilidade* – à falta de uma melhor correspondência para a tradução do termo em alemão – não se reduz a uma faculdade humana, mas identifica todo o ‘sensível’ na plenitude de suas manifestações” (SERRÃO, 2009, p. 13). Tal consideração é o que, a nosso ver, explica o ‘movimento da vida na natureza’ como um todo, ou como parece sugerir Schmidt ao afirmar que o segundo o *Princípio Sensualista* de Feuerbach: “todo

¹⁷ No cristianismo, a alienação ocorre quando “a consciência de Deus, definida como a consciência que o homem tem de si mesmo, não deve ser aqui entendida como se o homem religioso fosse diretamente consciente de si, que a sua consciência de Deus é a consciência que tem da sua própria essência, porque a falta da consciência deste fato é exatamente o que funda a essência peculiar da religião” (FEUERBACH, 2007, p. 47).

¹⁸ A outra perspectiva “sublinha o sentido da realidade como existência fora do pensamento, precedendo-o na ordem genética e excedendo-o sempre na ordem gnosiológica. A noção de realidade desloca-se assim da esfera da essência, ou da identidade, para a existência concreta: real de ser existindo por si mesmo, independentemente do ser pensado”. (SERRÃO, 2005, p. 15).

o contato com o objetivo real se baseia em último termo na sensibilidade¹⁹” (SCHMIDT, 1975, p. 76). Seria essa talvez a proposta de ‘universalidade da sensibilidade’ expressa por Feuerbach no capítulo 54 de *Princípios para uma Filosofia do Futuro*²⁰. Embora essa questão seja pertinente, é preciso considerá-la bastante controversa²¹, o que requereria a realização de uma outra investigação desse porte; por isso, voltemos à relação da integralidade do homem e a sensibilidade.

O relato de Feuerbach confere um lugar central ao “homem” (*Mensch*) como já vimos. Em defesa do homem, o autor reivindica o conhecimento sensível, além do racional, como fórmula de sua ‘integralidade’, uma vez que só a união destes dois tipos de conhecimento pode dar sentido à existência. Para sermos fiéis ao pensamento de Feuerbach, vale salientar que essas considerações não apontam para o dualismo da matéria e do espírito, pelo contrário, o autor pretende escapar de todas e qualquer determinação unilateral que possa designar o homem, a exemplo do que ocorre com o materialismo das ciências naturais ou com o idealismo hegeliano²².

O real na sua *realidade efetiva*, ou *enquanto real*, é o real enquanto *objeto dos sentidos*, é o *sensível*. *Verdade, realidade e sensibilidade* são idênticas. Só um ser sensível é um ser *verdadeiro e efetivo*. Apenas através dos *sentidos* é que um objeto é dado na sua verdadeira aceção. – e não mediante o pensar *por si mesmo*. *O objeto dado* ou *idêntico* com o *pensar* é *apenas pensamento* (FEUERBACH, 2002, p. 79).

A tese de Feuerbach é de que a sensibilidade não se define como categoria abstrata especulativa, mas como unidade mediadora entre razão e matéria que serve para formulação de um entendimento integral da realidade e do próprio homem. Schimidt concorda com essa leitura e afirma que “a sensibilidade enquanto ‘unidade verdadeira, não pensada nem posta, mas existente, do material e do espiritual: um elemento radicalmente diferente do pensar constitui alfa e ômega de todo processo de

¹⁹ Leia-se: Todo contacto con lo objetivo real se basa em último término em la sensibilidad (SCHMIDT, 1975, p. 76).

²⁰ “A nova filosofia faz do homem, com a *inclusão da natureza*, enquanto base do *homem*, o *objeto único, universal e supremo* da filosofia - faz, pois da antropologia, com inclusão da *fisiologia a ciência universal*” (FEUERBACH, 2002, p. 97).

²¹ Jaeschke, por exemplo, afirma que considera “filosoficamente insuficiente e também desonesto divulgar a fórmula da “universalidade da sensibilidade”, adequada para designar a *differentia specifica* entre sensibilidade humana e animal, como um conceito suficiente de homem e repeti-la tal ladainha, sem que a relação de tal sensibilidade cm o pensamento seja tematizada” (JAESCHKE, p. 2014, P. 73)

²² Feuerbach tenta mostrar que a relação entre espírito e matéria, entendimento e sensibilidade se basta a si mesma, logo é ilusória a evocação de um ente supremo como *conditio sine qua non* de existência da natureza e do homem. Essa ilusão se produz quando o homem fornece à entidade divina, enquanto ser pessoal e absoluto, sua essencialidade enquanto gênero humano. Daí a ligação mais íntima entre o homem e Deus.

conhecimento²³” (SCHMIDT, 1975, p. 78). Talvez nessa perspectiva o termo *Sinnlichkeit* realmente ultrapasse o sentido da sensibilidade enquanto sensorialidade e já adentre ao princípio do *sensualismo* feuerbachiano, que se debruça sobre a totalidade do ser: o homem como corpo, que se radica no mundo e, por meio dos sentidos, estabelece relação com os outros seres e a própria natureza.

Algumas hipóteses levantadas a respeito da teoria da sensibilidade em Feuerbach contestam a ideia de ‘completude do homem’ ligada à sensibilidade. Faremos exposição apenas a uma delas. Para Jaeschke a forma mais direta de entender a teoria da sensibilidade de Feuerbach é a partir do seu contexto de marginalização pela tradição filosófica, sobretudo de Descartes a Hegel. Segundo ele “a sensibilidade fora entendida como aquilo que o homem partilhava com os animais, não parecendo, assim adequado a exprimir a verdadeira essência humana” (JAESCHKE, 2014, p. 72). Por isso, Feuerbach passa a reivindicar a sensibilidade na fórmula de integralidade do homem, pois acredita que muito embora a filosofia (especulativa) não aprovasse o caráter sensível da realidade, seria incoerente supor a ideia de completude do homem sem esse aspecto. Jaeschke alega, entretanto, que isso só seria possível se se concebesse o conceito de sensibilidade de um modo diferenciado face ao animal, se é que Feuerbach mesmo tinha a intenção de manter uma tal diferença, e, por outro lado, se se compreendesse, efetivamente o conjunto as funções espirituais – o que não era o objetivo. Feuerbach, desse modo, justificaria sua teoria, mas lançaria mão da ideia de uma sensibilidade universal, o que é algo diferente do pensamento; daí a insuficiência da teoria. A questão da sensibilidade é importante, mas deve ter um conteúdo bem definido para se tornar coerente, o que não ocorre no pensamento de Feuerbach (JAESCHKE, 2014). A tese de Jaeschke é de que, em geral, todas as discussões sobre o conceito de sensibilidade em Feuerbach conduzem ao conceito de “homem integral”, porém o que o define não pode ser entendido como expressão de sua sensibilidade. Jaeschke quer dizer que “a sensibilidade será uma definição necessária mas não suficiente para o conceito de homem e também não é a sua definição mais elevada” (JAESCHKE, 2014, p. 73)

²³Leia-se: “la sensibilidad encuanto unidad verdadera, no pensada ni hecha, sino existente, de lo material y lo espiritual: un elemento radicalmente diferente del pensar, constituye alfa e Omega de todo proceso de conocimiento” (SCHMIDT, 1976, p. 78).

Se por um lado há essa crítica, por outro lado, não há como negar que Feuerbach formulou uma nova filosofia. Do ponto de vista histórico-filosófico os elementos que a constituem não são desconhecidos, muito menos originários; a ênfase se recai no rompimento com os moldes tradicionais de conhecimento restrito ao plano ideal em vista a integralidade do homem, em suas reais determinações, que o autor propõe. Feuerbach não se conformou com o fato da filosofia e teologia desconsiderarem a natureza, a sensibilidade, em favor de uma razão absoluta que se transformou em um Deus subjetivo e plenipotente, tampouco quis dissolver tudo em matéria, mesmo sabendo que ela é raiz primeva da existência. Por essas razões, Feuerbach não hesita em proferir que prefere ser um demônio aliado à verdade do que um anjo aliado a mentira (FEUERBACH, 2007).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Luís Miguel. *Tesis provisionales para una filosofía con futuro*. La antropología de L. Feuerbach frente al nihilismo. In: CHAGAS, Eduardo F, REDYSON, Deyve, PAULA, Marcio Gimenes (org). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza. UFC. 2009.

CHAGAS, Eduardo F. *A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach*. In: CHAGAS, Eduardo F, REDYSON, Deyve, PAULA, Marcio Gimenes (org). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza. UFC. 2009.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis. Vozes. 2007.

_____. *Princípios da filosofia do futuro*. Trad. Artur Morão. Lisboa. Edições 70. 2002.

_____. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. Trad. Adriana V. Serrão. In: *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Lisboa. CFUL. 2005.

_____. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis. Vozes. 2009.

_____. *Para a crítica a filosofia de Hegel*. Trad. Adriana V. Serrão. São Paulo. Liberars. 2012.

HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo. Nova Harmonia. 2003.

JAESCHKE, Walter. *Humanität zwischen Spiritualismus und Materialismus*. In: *O Homem*

Integral: Antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach. Lisboa. Actas. 2014.

SCHMIDT, Alfred. *Feuerbach o la sensualidad emancipada*. Madrid. Taurus. 1975.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 1999.

_____. In: Apresentação: *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. Trad.

_____. In: *Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846)*. Lisboa. CFUL. 2005.

_____. *A imagem de Ludwig Feuerbach na literatura mais recente (1988-1993)*. Philosophica. Lisboa, n.1, 1993.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica II*. São Paulo. Loyola. 1992.